



NARRATIVAS DE PRESOS CONDENADOS: UM VOCABULÁRIO DA PRISÃO

PRISONERS' NARRATIVES: A PRISON VOCABULARY

Selmo Haroldo de Resende¹

Universidade Federal de Uberlândia, UFU, Brasil

Resumo

Organiza-se, com base em narrativas de presos condenados, um vocabulário prisional, constituído por palavras e expressões cujos significados são específicos da realidade carcerária. Podendo se dizer que tal organização se caracteriza pela genealogia, na perspectiva de Michel Foucault, uma vez que ativa saberes, retirando-os de sua circulação restrita, de sua discursividade local, específica, propiciando-lhes visibilidade e expressão em outros espaços. De um ponto de vista mais abrangente reafirma-se que a narrativa permite a amplificação do conhecimento sobre a realidade sócio-histórica e, na especificidade deste trabalho, evidencia-se a elaboração, organização e representação do mundo na prisão, através da linguagem, o que por outros meios ou metodologias dificilmente emergiria. Reforça-se, assim, a noção de que o trabalho com história oral, provocando a construção de narrativas, possibilita-nos aprender um pouco mais sobre o homem e sua relação com o mundo.

Palavras-chave: narrativas; genealogia; vocabulário prisional; prisão.

Abstract

Using the prisoners' narratives we organized a sort of prison vocabulary, with many words and expressions whose meanings are specific of the prison reality. It is possible to say that this organization is characterized by the genealogy, according to Michel Foucault, once it activates knowledge, removing it from its restrict circulation, its specific local orality, giving it visibility and expression in others spaces. A broaden point of view reaffirms that the narrative allows the amplification of the knowledge on the social and historical reality and, in this work's specificity, evidences the elaboration, organization and representation of the world in prison through the language, what could not emerge by other means. So, the notion that the work with oral history, inducing the construction of narratives, makes possible to learn a bit more about man and his relation with the world is strengthened.

Key words: narratives; genealogy; prison vocabulary; prison.

¹ Professor Associado I da Universidade Federal de Uberlândia, na Faculdade de Educação. Atua na linha de História e Historiografia da Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. Doutorado em Educação: História, Política, Sociedade pela PUC/SP (2002)



NARRATIVAS DE PRESOS CONDENADOS: UM VOCABULÁRIO DA PRISÃO

1. Introdução

Este ensaio é decorrente da realização de uma pesquisa, na qual busquei perscrutar a extensão do educacional na prisão, identificando aspectos educativos/educacionais que transversalizam o cumprimento de penas privativas de liberdade. Na construção do *corpus* documental, utilizei-me do referencial teórico-metodológico da história oral de vida, o que possibilitou a reconstituição de trajetórias de vida, pelas memórias e vivências, demarcando sentidos e significados do processo prisional na vida dos detentos e de suas vidas na prisão².

No decorrer da pesquisa, através da realização das entrevistas, embora não se configurasse objeto a ser diretamente abordado, no contato com os detentos, tive acesso a uma variedade de palavras e expressões, cuja utilização e significado são específicos da realidade carcerária. Trata-se de palavras que usualmente, lexicalmente apresentam um significado, mas ao serem empregadas nas relações prisionais e, particularmente entre os presos, adquirem sentidos completamente diversos, havendo uma reapropriação por seus usuários, resignificando-as, numa transgressão que os dicionários e gramáticas convencionais não recobrem. De modo que o objetivo deste texto é mostrar essas palavras, torná-las visíveis, “audíveis”, é evidenciar que constituem o universo prisional e, conseqüentemente, a subjetividade dos presos, funcionando como uma espécie de “dialeto prisional” no contexto das práticas cotidianas da prisão.

É interessante destacar que aquilo que recolhi e apresento neste texto – mais que uma série de palavras e expressões elencadas com os respectivos significados atribuídos no contexto prisional – constitui uma prática que se materializa em um vocabulário, em ações de fala, cuja abordagem, através da história oral, por um lado, possibilita reafirmar que as narrativas permitem a amplificação do conhecimento sobre a realidade sócio-histórica e, por outro, na especificidade deste caso, permite perceber a elaboração, organização, representação e resignificação do mundo na prisão, através da linguagem, o que, em última análise, se efetiva numa prática educativa.

2. Narrativas e ordens discursivas

As narrativas constituem práticas discursivas da maior importância, pois contam histórias sobre as formas como nos situamos no mundo, ajudando-nos a dar sentido e a organizar as coisas nesse mundo. De maneira que “as narrativas não apenas nos ajudam a dar sentido ao mundo, a torná-lo inteligível, elas contribuem para constituí-lo e a nós” (SILVA, 1995, p. 205). As narrativas estão diretamente vinculadas à produção de identidades, sejam individuais ou coletivas.

Do ponto de vista metodológico as narrativas constituem o suporte teórico-prático, por excelência, da história oral no registro de depoimentos que

² Foram realizadas 13 entrevistas com presos cujas sentenças condenatórias já haviam transitado em julgado, na Colônia Penal Professor Jacy de Assis, na cidade de Uberlândia, em Minas Gerais – MG, Brasi.



circunscrevem a dimensão histórica, através de protagonistas ou testemunhas de acontecimentos, fatos, experiências, relações, instituições e formas de vida da história contemporânea. A história oral como metodologia de pesquisa permite, pelas narrativas, não só a coleta de informações e dados, mas a ampliação do conhecimento de realidades distintas e, sobretudo, o aparecimento de conhecimentos, o que dificilmente seria possibilitado por outros meios ou metodologias.

Nesse aspecto, faz sentido e se fortalece a ideia de dar voz a excluídos, de conferir importância a discursos desconsiderados, ao mesmo tempo em que se reforça a noção de que o processo histórico é construído por todos quantos dele fazem parte e não apenas de grandes vultos históricos ou de figuras que ocupam espaços oficiais de destaque ou comando, o que consubstanciaria uma história monumental, pautada em arcaicos conceitos.

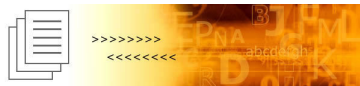
Dessa maneira, a história oral e, neste caso especialmente, a história de vida, identifica-se com uma historiografia que não se concentra em núcleos de poder, não se prende a monumentalidades ou oficialidades documentais, não se detém em grandes nomes consagrados pela história oficial, mas busca abranger zonas que tradicionalmente seriam consideradas como periféricas, sem importância ou sem valor histórico, por se situarem nas baixas extrações, nas bordas, de modo que pode recobrir acontecimentos e discursos, focalizando seres humanos em suas experiências, cujo conhecimento permite compreender melhor a realidade histórica em diferentes formas de expressão de vida. “Todas aquelas coisas que constituem o ordinário, o pormenor insignificante, a obscuridade, os dias sem glória, a vida comum, podem e devem ser ditas, – mais, escritas” (FOUCAULT, 1992a, p. 117).

Foucault – fazendo um balanço de suas pesquisas no *Collège de France*, na aula de 7 de janeiro de 1976 e referindo-se a críticas pontuais que vinha empreendendo através do que ele chamava “retorno de saber” – apresenta descrições do que denomina “saberes dominados”, como sendo aquele tipo de saber qualificado como incompetente ou como elaborado de forma insuficiente. São aqueles saberes também chamados por ele de “saberes ingênuos”, uma vez que apresentam um padrão de cientificidade abaixo do nível requerido, tornando-se baixos, inferiores na escala hierárquica de conhecimentos.

Para Foucault, naquele momento de suas pesquisas, foi o reaparecimento desses saberes descredenciados, saberes menores que se encontravam fora, nas margens, embaixo, o que lhe permitiu realizar a crítica. Trata-se do

[...] saber das pessoas e que não é de forma alguma um saber comum, um bom senso, mas ao contrário um saber particular, regional, local, um saber diferencial incapaz de unanimidade e que só deve sua força à dimensão que o opõe a todos aqueles que o circundam (FOUCAULT, 1992, p. 170).

Ao apontar aquilo que chama de “saber histórico da luta”, saber subordinado em que jaz a “memória dos combates”, Foucault delinea a genealogia como sendo um projeto que consiste no acoplamento do saber da erudição com o saber das pessoas, cuja realização só é possível à custa da eliminação do domínio totalitário dos discursos unitários e hierarquizantes. A genealogia poderia ser



definida, nesta perspectiva, como “o acoplamento do conhecimento com as memórias locais, que permite a constituição de um saber histórico das lutas e a utilização deste saber nas táticas atuais” (FOUCAULT, 1992, p. 171).

O que entra em jogo é a ativação de saberes locais, díspares, sem qualificação, sem legitimidade ou credencial científica contra a unificação institucional teórico-discursiva, que em nome da ciência e da verdade os depura, operando uma classificação, uma ordenação que os exclui. Nessa ativação de saberes pontuais, desclassificados, ilegítimos é que se efetiva a “insurreição dos saberes”, indo contra os efeitos de poder relacionados ao modo como se institui e entra em funcionamento o discurso científico sistematicamente organizado na sociedade. Nesse embate, o que a genealogia deve combater são os efeitos próprios desse discurso considerado científico, apresentando-se como único, soberano, total.

A abordagem genealógica configura-se em sua ação efetiva, na transgressão da ordem discursiva instituída e tida como monolítica, uma vez que em seu empreendimento prático ativa saberes descredenciados, retirando-os de sua discursividade local, específica e proporcionando-lhes visibilidade ao conferir-lhes legitimidade, por serem expressão da manifestação de um saber local, específico, diferente de sistematizações formais tidas como únicas e legítimas.

Para Foucault é o reaparecimento desses saberes de baixa extração, desses saberes não qualificados, ou mesmo desqualificados, o que permite a realização da crítica. Para ele tais saberes não são, de modo algum, uma forma de saber comum, mas saberes particulares, locais, regionais, são saberes que não se abrigam na totalidade e cuja força se deve à dimensão que os opõe a todos os outros que os circundam ou mesmo os obliteram. Nessa perspectiva, se situa, por exemplo, o saber do preso em relação ao saber judiciário, ou em relação ao saber da administração penitenciária.

Trata-se de ativar saberes locais, descontínuos, desqualificados, não legitimados contra a instância teórica unitária que pretenderia depurá-los, hierarquizá-los. Ordená-los em nome de um conhecimento verdadeiro, em nome dos direitos de uma ciência detida por alguns (FOUCAULT, 1992, p. 171).

A seguir, apresento a série de palavras que cataloguei, com seus significados correspondentes. Como já foi dito, trata-se de um glossário, de uma listagem de palavras que, no sistema prisional, nomeiam coisas e ações, que têm significado completamente diverso do que usualmente tais palavras e expressões designam. Assim, pode-se dizer que tal glossário configura a realização de um trabalho genealógico, na perspectiva de Michel Foucault aqui descrita, de maneira que pelo dispositivo da história oral de vida, a partir das narrativas dos presos foram ativados saberes locais, específicos de um funcionamento discursivo. Ainda que, nesta coletânea de palavras e expressões, os saberes se circunscrevam à nomeação de coisas e de ações, é interessante notar que também dizem respeito ao significado dessas palavras num espaço social determinado, recortado por linhas disciplinares e normativas. São saberes confinados no espaço social da prisão.



3. O vocabulário

acender. Denunciar; delatar; acusar.

alemanha. Pena de longa duração.

atrasar o lado. Criar obstáculos; atrapalhar; causar inconvenientes para alguém.

atropelo. Surra; espancamento; agressão física, geralmente feita em grupo.

bate-cela. Revista geral nas celas por policiais ou agentes penitenciários.

beó. Falta; falha em relação às regras; desvio da conduta esperada.

bocuda. Porta da cela.

boi. Banheiro, instalações sanitárias.

bonde. Transferência para outra instituição prisional.

cabrito. Cadáver, morto.

cagüeta. Aquele que delata; aquele que denuncia, especialmente à direção, alguma irregularidade ou comportamento inadequado.

cagüetar. Delatar; denunciar.

canetada. Registro pelos agentes de comportamentos inadequados.

canetar. Ato de algum agente registrar comportamentos inadequados.

caô. Bilhete através do qual os presos se comunicam, tanto entre si, como também com a direção.

cerol. Ato de cortar o pescoço de uma pessoa.

chá-de-manta. Espancamento de um preso, por todos ou vários outros, com a cabeça coberta por uma manta ou cobertor.

cheque. Documento feito pelos detentos, através do qual um se obriga a pagar alguma quantia em dinheiro a outro.

cocota. Chineladas na mão.

comarca. Espaço, em frente à cela, demarcado por cada detento para realização das visitas.

Comprar bronca. Ter alguma desavença; criar confusão.

Convivência. População carcerária; conjunto dos presos da instituição penal.

Convívio. População carcerária; conjunto dos presos da instituição penal.

Correria. Tomada de providências; qualquer ato para a solução de algum problema ou necessidade.

Coruja. Cela onde ficam aqueles que desobedeceram as regras do convívio.

Creumar. Queimar corpos de pessoas vivas ou mortas.

Crime. Não se refere ao delito estritamente, mas ao contexto e às relações nas quais se envolvem infratores; é o próprio ambiente carcerário.

Cristalina. Água.

Dar linha. Fugir.

De boa. Tranquilamente, sem confusão ou aborrecimento.

De lei. Aquilo que é considerado certo; correto; justo.

Embaçado. Complicado; difícil; embaraçoso.

Embaçar. Complicar; dificultar; embaraçar.

Escama. Embaraço; complicação; trama de algo errado contra outrem.

Firma. Grupo de presos que comandam, que administram os demais presos da cela ou mesmo da cadeia.

Fita. Algum evento ou fato, geralmente ligado à prática delituosa.

Gaiola. Grade da cela ou do corredor.



Íntimo. Visitas íntimas de esposas(os) ou namoradas(os) fixas(os), previamente agendadas pelo pessoal da administração.

Irmão. Qualquer preso; detento.

Jega. Cama.

Jeque. Estuprador.

Jogar uma ideia. Conversar, dialogar.

Ladrão. Qualquer preso; detento.

Ligar. Chamar; fazer-se ouvir.

Madeira. Propina; quantia que um preso extorque do outro.

Malandragem. A população carcerária.

Malandro. Qualquer preso; detento.

Mancada. Falha; erro; falta.

Mancar. Falhar em relação às regras; cometer algo considerado fora das normas.

Mancoso. Aquele que falha em relação às regras; aquele que desvia da conduta estabelecida.

Mandar mula. Fazer gozação; zombar; debochar.

Marroco. Café.

Micha. Objeto utilizado para arrombamento de carros.

Michar. Arrombar carros com ferramentas feitas especialmente para esse fim.

Míssil. Objeto feito de garrafa plástica e barbante para transporte de bilhetes entre um pavilhão e outro.

Mocó. Camuflagem de drogas para transporte.

Mular. Fazer gozação; zombar; debochar.

Mundo do crime. O ambiente prisional; a população carcerária.

Novato. Aquele que ingressa na prisão.

Pagar cadeia. Cumprir a pena; executar a sentença penal.

Pagar ducha. Banhar-se.

Pagar madeira. Ato de retribuir alguma gentileza que um preso faz a outro; agradecimento; pagamento de propina.

Pagar veneno. Cumprir castigo; ficar no seguro; pagar mancada.

Pano. Ato de contornar alguma situação problemática, sem confusão; amenização de problemas.

Passarinho. Delator; aquele que denuncia algo.

Patrola. Espancamento; surra; agressão física, geralmente feita em grupo.

Pedra. Droga, geralmente diz-se com relação à pedra de crack.

Perereca. Instrumento feito a partir de fios, sucata de pilha eletroquímica e resistência de chuveiro elétrico para ser usado no aquecimento de água.

Pode crer. Expressão que denota concordância, estar de acordo com o outro.

Puxar cadeia. Cumprir a pena; executar a pena.

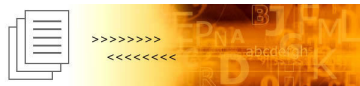
Real. Verdade; algo que pode ser comprovado.

Rolar. Acontecer; ocorrer.

Salão. Cela; espaço dividido entre os presos.

Segurado. Detento que vai para o seguro.

Segurar sol. Ato de protesto feito por presos, quando seu tempo de pena está vencido e ainda não foram libertos ou quando consideram que têm direito a algum benefício que não lhes é concedido; recusam-se a voltar para a cela após o banho



de sol, permanecendo no pátio gritando e às vezes xingando o pessoal da direção e falando sobre o que julgam ter direito, até que alguma providência seja tomada.

Seguro. Cela para onde vão os presos que têm algum tipo de problema na convivência.

Ter sol. Direito ao banho de sol; tomar banho de sol.

Tereza. Objeto feito com sacos plásticos e barbantes para o transporte de bilhetes entre uma cela e outra; pavio feito de papel higiênico para ser aceso antes do uso das instalações sanitárias; espécie de corda feita com lençóis, cortados em tiras e trançados, utilizada para fuga ou mesmo para suicídio.

Tirar cadeia. Cumprir a pena; executar a pena.

Tirar sol. Tomar banho de sol.

Tirar visita. Receber visita.

Tomar bonde. Ser transferido(a) para outra instituição prisional.

Treta. Desavença, desentendimento, contenda, discórdia.

Truta. Irmão; detento; preso.

Vacilo. Deslize; desvio das regras.

Ventana. Janela.

Vida do crime. Contexto e relações em que se encontram os infratores presos.

Xadrez. Cela; espaço dividido pelos presos.

Xis. Cela; espaço dividido pelos presos.

Zabelão. Almoço.

Zica. Aborrecimento; incômodo.

ZICAR. Importunar; molestar; causar incômodo, perturbar.

4. Palavras finais

É interessante notar que a assimilação, a aprendizagem desse vocabulário por cada preso, acaba (também) por fazer parte, na execução penal, do processo de transformação do indivíduo, uma vez que cada preso que ingressa no sistema penal é obrigado a dominar esse universo vocabular para que possa se comunicar. É como se fosse um idioma estrangeiro, outra língua que deve ser aprendida. Praticamente, isto significa um dos aspectos da recodificação da existência do indivíduo preso.

Hoje eu tenho muito erro de português. Às vezes falo muita gíria porque me acostumei. É a força da cadeia. Sabe aquela coisa que entra na sua cabeça porque você tem que conversar daquela forma? Por exemplo, você na sua forma de falar, se for conviver aqui dentro, toda hora eles vão te dar umas pancadinhas [...] (Depoimento de um entrevistado).

Outro aspecto igualmente interessante é que, com algumas pequenas variações, esse vocabulário é recorrente em todo o sistema penitenciário brasileiro, funcionando como uma espécie de “dialeto linguístico carcerário”³, segundo o que

³ O que pode ser observado, por exemplo, no glossário intitulado *Termos e gírias usados por detentos*, disponível no site do Ministério Público do Estado do Ceará, corroborando a afirmação de



detentos reincidentes com passagens por outros estabelecimentos penais, em diferentes partes do Brasil afirmam.

Por fim, reitero a importância de se trabalhar com narrativas, especialmente em perspectivas genealógicas, o que possibilita a ativação de saberes confinados e subjugados por formações e ordens discursivas engendradas por relações de poder que submergem conhecimentos, desclassificando-os, dominando-os. O trabalho com história oral, por alicerçar-se em narrativas, mais do que qualquer coisa, nos põe em contato com outras histórias, outras realidades, outras vidas, outras palavras e, em certo sentido conosco mesmo, proporcionando-nos experiências de aprendizagens. E assim, vamos seguindo, “tentando aprender um pouquinho” (PORTELLI, 1997, p. 13).

5. Referências

FOUCAULT, Michel. Genealogia e poder. In: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. 10^a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1992, p. 167-177.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. **O que é um autor?** Tradução: António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. 3^a ed. Lisboa: Vega/Passagens, 1992a.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho. Algumas reflexões sobre a ética em história oral. **Projeto História**, n. 15, abr. 1997, p. 13-49.

SILVA, Tomaz Tadeu. Currículo e identidade social: territórios contestados. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Alienígenas na sala de aula**. Uma introdução aos estudos culturais em educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995, p. 190-207.

Termos e gírias utilizados por detentos. Disponível em:
http://www.mp.ce.gov.br/orgaos/CAOCRIM/legislacao/grupogestordeunidades/girias_detentos.pdf (acesso em 1º de maio de 2013).

Enviado em: 13/01/2013 Aceito em: 15/05/2013

tal recorrência. Ou seja, há uma circulação desse dialeto por todo o sistema prisional brasileiro, configurando-se num dos aspectos que constituem a subjetividade prisional. O glossário pode ser acessado em:

http://www.mp.ce.gov.br/orgaos/CAOCRIM/legislacao/grupogestordeunidades/girias_detentos.pdf (acesso em 1º de maio de 2013).